

# A CNI repudia a moratória

O vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Paulo Vellinho, descartou, ontem, qualquer semelhança "física e prática" entre o Documento dos Empresários do Fórum Gazeta Mercantil e o divulgado na quarta-feira pelo PMDB, declarando que "jamais os empresários proporiam uma moratória unilateral, porque é uma loucura".

Vellinho, um dos signatários do Documento dos Empresários, não foi o único a se manifestar duramente contra essa proposta do partido oposicionista, tendo sido a moratória unilateral — "devo, não nego, pagarei quando e como puder", segundo a expressão do empresário gaúcho — alvo de críticas veementes dos participantes da reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) da CNI, ocorrida ontem, na sede da entidade, no Rio. O conferencista convidado para falar aos industriais que integram o CDES, Carlos Lemgruber, professor da Fundação Getúlio Vargas e diretor do Banco Boavista, foi claro na sua condenação à suspensão dos pagamentos da dívida externa: "As implicações sobre a nossa economia seriam terríveis, dramáticas".

O que aconteceria ao País, no caso de uma decretação de moratória unilateral? A pergunta foi feita a Lemgruber e respondeu imediatamente: "O impacto mais imediato", segundo o economista, "seria um corte nas linhas de crédito de curto prazo para o Brasil, da parte dos integrantes do sistema financeiro internacional". Outras consequências apontadas pelo economista da FGV seriam a escassez de todos os produtos importados, como o petróleo e uma dificuldade enorme para

exportar, por falta de crédito. "A inflação se aceleraria e a recessão se aprofundaria, o que deixaria longe a situação atual. O quadro seria bem pior do que o vivido hoje."

Apesar das manifestações veementes contra a proposta oposicionista, tanto Lemgruber, quanto os empresários também não concordam plenamente com o esquema de renegociação da dívida externa adotado atualmente pelas autoridades econômicas. No entender do diretor do Banco Boavista, o segundo "round" da renegociação da dívida externa que o governo vem encaminhando "é muito parecido com o primeiro" e, para ele, "este esquema não pode ser mantido indefinidamente". Paulo Vellinho é favorável a uma "negociação política", uma solução brasileira "que respeite certa carência, que requantifique os juros pagos e que espelhe o prazo de pagamento num tempo adequado às possibilidades da Nação". Edgard Arp defende "um plano especial para o Brasil" e classifica de "inconveniente" a moratória unilateral.

Outra proposta polêmica levantada pelo PMDB e rechaçada na CNI foi a de acabar com o "open market". "Quem vai calotar quem?", questionou Paulo Vellinho, advertindo para o fato de que "tem de haver seriedade na análise da dívida interna. Não podemos propor soluções que não sejam exequíveis. O perigo do líder hoje — tanto político quanto empresarial — é gerar esperanças ou nacionalismos excitados contra alguém ou algo, quando não se tem a resposta concreta de quem ou o que se quer atingir."

## AS IDEIAS DOS CONSTRUTORES

O conselho diretor da no-

va diretoria da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) pediu ontem "a urgente retomada do desenvolvimento, sob a égide de um projeto nacional, elaborado com a plena participação de todos os segmentos da sociedade brasileira, pelos condutos de suas legítimas representações políticas e de classe". Esta, segundo a CBIC, é "a única forma de reestabelecer o equilíbrio social".

O documento da entidade foi distribuído à imprensa ontem, em Brasília, no mesmo momento em que empresários da construção de Minas Gerais, Rio e São Paulo se encontravam com o presidente em exercício Aureliano Chaves. Embora o documento não fosse entregue formalmente ao presidente, Luiz Ricardo Ponte, 1º vice presidente da CBIC, informou que o setor manifestou a Aureliano Chaves "a disposição e o desejo de participar com o governo e com o Congresso Nacional, de um projeto econômico que possa tirar o País da crise".

Segundo o documento da CBIC, "há uma onda crescente de desalento que se espalharia rapidamente no País, fruto da recessão, do desemprego e da especulação financeira desatinada, que precisa ser urgentemente contida e estancada". Os empresários da construção civil acreditam, ainda, que "não se pode adiar por mais tempo a restauração da credibilidade nacional".

No entender do setor da construção civil, embora haja premência em reativar o mercado interno, a plena confiança na retomada do desenvolvimento brasileiro "só retornará" à Nação quando estiverem claramente estabelecidas as novas condições de pagamento de nossa dívida

externa". A CBIC acha, por isso, que o governo deve conduzir entendimentos a nível político com os países desenvolvidos. "Em termos que não nos levem à asfixia e à ruptura do regime."

O documento dos empresários do 'Fórum Gazeta Mercantil' é apoiado "decididamente" lhe pela Câmara, que vê na iniciativa privada "a alavanca do projeto nacional", devendo ser desarticulada "a excessiva centralização do poder" e a "estatização crescente".

## APOIO A AURELIANO

"O presidente da República, dr. Aureliano Chaves, deu, ontem (anteontem), um grande exemplo de democracia, recebendo em audiência um grupo de empresários paulistas que já, anteriormente, haviam entregue um documento sério e objetivo, contendo sugestões para a solução de problemas seriíssimos que atingem o Brasil." Esta manifestação, escrita, foi distribuída, ontem à imprensa pelo presidente da Associação Comercial do Paraná, Carlos Alberto Pereira de Oliveira.

"Esperamos que o presidente Figueiredo, ao retornar, também continue recebendo empresários que têm vontade e patriotismo de cooperar com o governo federal", prosseguiu Pereira de Oliveira ao considerar que a situação do País se agrava continuamente. "Queremos ajudar o sr. presidente da República a dirigir esta Nação. Infelizmente, sua excelência não aceita. E os homens que o cercam não permitem que lhe levemos, com toda a sinceridade, tudo de errado que acontece neste país". O presidente da associação paranaense apontou a necessidade de mudança radical na política econômica, "bem como dos homens que a dirigem".